

AOS QUATRO VENTOS *

Sérgio Aurélio de Souza

A sensação que o menino tinha era a de estar voando. Já nem era sensação nada, voava mesmo. A linha era como as rédeas do cavalo que ele levava pra onde queria. Mas aqui ele comunicava com a imensidão de um azul provocador, que embebedava e o pontinho vermelho que o vento levava era sua alma de papel. A ponta do losango desenhava no espaço o sonho do pequeno Ícaro. O menino se deixou cair, camaralentemente, como o último bandido do filme. Deitado no planeta sentia-se agora mais perto do pássaro que soltara e o cheiro de terra mesclado às vozes que o dia ressoava era a confirmação da pequenez do planeta. A terra era a bola de gude que ele fechava nas mãos e a imensidão do mar estava ali, dentro da mão em concha.

O minuto seguinte passara, pássaro; passar o tempo. Em que anoitecer de lua cheia senão nalgum? Sofrer é voar pra além da alma, pra lenda alguma! Quero ver a cara do espelho, quando me ver de novo! Espelho era o relógio grande que o pai tinha no quarto. Ali se penteava e gracejava, fazendo caretas e imitando o governo democrata na televisão.

O minuto atrás só agora se revelava. Só agora sentia a linha frouxa na mão, imerso que estava na sensação de gozo

* 1º colocado entre os contos produzidos na Oficina de Criação Literária, disciplina ministrada pela Profª Graça Paulino.

do vôo, do pensamento. O papagaio caía e o espectro de sua queda semelhava sangue derramando no tecido azul-noturno. A lágrima que lhe escorria revelava a dupla sensação da perda e do reconhecimento de que não era o único voador. O papagaio branco voava, soberano. Ao longe se ouvia ainda o borborinho da meninada a discorrer sobre o onde caiu.